

Universidades Lusíada

Hipólito, Fernando Manuel Domingues, 1964-

O Epidauro e a beleza

<http://hdl.handle.net/11067/7689>
<https://doi.org/10.34628/2bks-ys44>

Metadados

Data de Publicação	2024
Tipo	bookPart
Editora	Universidade Lusíada Editora
ISBN	978-898-640-249-2

Esta página foi gerada automaticamente em 2025-01-22T07:42:49Z com
informação proveniente do Repositório

Epidauro e a Beleza

Fernando Hipólito

DOI: <https://doi.org/10.34628/2bks-ys44>

Não deixa de ser inesperado. Não deixa de ser esmagador. Não deixa de ser uma experiência única.

O teatro do Epidauro, projectado por Polykleitos e construído no séc. IV AC, no lado Oeste da montanha Cynortion, implantado numa acentuada encosta, e cuja fixação ao sítio foi realizada por uma escavação em círculo, recebe cerca de 15.000 espectadores, promovendo a sua relação tanto com o sítio, como com aquilo que é representado na utilização do seu palco (a sua função; o seu objectivo programático).

Sítio, Programa e Materialidade.

Que lição de beleza!

Do sítio:

Os gregos sempre foram peritos em eleger os sítios para construir as suas obras. Os sítios são fundadores do acto de projectar e erguer a arquitectura porque, para além da sua fixação estereotómica, eles permitem o reconhecimento sensorial e emocional com a envolvente, paisagem e território. No Epidauro, o percurso faz-se ascendente, de costas com o vale, de costas com o palco, pois de um teatro se trata.

Sentados, já de frente para o palco, o vale, a 180°, é absorvido pelos sentidos todos, mas espoletados pela visão. O vale é apreendido pelo nosso corpo, que perante tamanha acção humana e representação cultural, se emociona. O som, reflexo importante da condição da representação da tragédia grega que em palco se acciona, transforma-se num companheiro decifrador da realidade para a visão.

Se o sítio já era belo, a arquitectura configurou-lhe uma outra beleza. A beleza da sobreposição da acção humana de construir sobre a Terra, de testemunhar a sua existência e de adicionar-lhe complexidade. Adicionar-lhe a cultura que, cruzada com a Natureza pré-existente neste sítio, o torna único, exclusivo.

Do programa:

A *poiesis* é a estrutura filosófica fundacional da origem do teatro grego e digna representação da tragédia grega. Pela primeira vez, desde a sua existência, a humanidade representa num palco, publicamente e devidamente ensaiada, a tragédia psico-social mundana da realidade. Por ser uma representação, a tragédia não é igual, mas semelhante. Não é cópia, mas antes uma metáfora. Introduce a imitação da acção e não a cópia formal. Neste sentido, surge como um acto criativo da sensibilidade e criação humana.

O programa do teatro, enquanto projecto de arquitectura, é o de permitir que a acção se efectue num palco e que o público assista, sentado.

O programa implica, naturalmente, a necessidade de existência de um campo de visão que permite assistir ao que se desenrola no palco. Inclinado então por necessidade funcional e sensorial: permite a percepção desde uma bancada em desnível em direcção ao palco; permite que a mesma percepção receba do palco o eco das palavras e dos sons que têm que reverberar por todo o anfiteatro até chegar a todos os assistente.

Se a tragédia lida já era bela, expressa por linguagem escrita num documento objectual, agora, que é revelada publicamente numa acção onde os movimentos dos actores são fundamentais, e onde a acústica e o som complementam o que se vê, a beleza do conjunto recebida pelo nosso corpo e mente é quase transcendental.

Da materialidade

A pedra, material orgânico e territorial, com presença por vezes visível e por vezes oculta, permite, pelas suas características e materialidade, a sua utilização enquanto estrutura resistente, enquanto suporte. Vejam-se os Cromleques e os Dolmens, por exemplo. É quase intuitiva a opção e selecção da pedra enquanto material construtivo. O seu peso também legitima a gravidade. Quando mudada de posição ou alterada, assume-se presente, marcando, com o peso próprio, a pele da terra.

Nada de estranhar que a sua eleição como material construtivo fosse a eleita para a arquitectura grega. De pedra orgânica a pedra talhada. De pedra solta a pedra empilhada. De invenção de sistemas de transporte e elevação das pedras, desde os seus locais naturais até aos eleitos pelos gregos para as suas construções, a pedra exhibe a sua beleza, pela expressão do seu peso e consistência, contrastando com as anteriores construções primitivas, quase efémeras na sua materialização através de troncos, galhos, palha, fibras naturais. Pedra, um material de permanência, tem, na sua origem, a beleza natural da sua eficiência construtiva e estrutural, adequada aos objectivos programáticos da arquitectura grega clássica. Beleza também na sensibilidade pragmática de quem viu na pedra tão belas e eficientes características.

“(...)” DESIGNAR COMO BELA UMA OBRA ARQUITECTÓNICA OU DE DESIGN É RECONHECÊ-LA COMO A TRADUÇÃO DE VALORES ESSENCIAIS AO NOSSO FLORESCIMENTO, UMA TRANSUBSTANCIAÇÃO DOS NOSSOS IDEAIS INDIVIDUAIS NUM MEIO MATERIAL (...)”.¹

“(...) OS CIENTISTAS COGNITIVOS CHAMAM A ESTA ATENÇÃO AUTORREFLEXIVA “METACONSCIÊNCIA”. PODEMOS OBSERVAR OS NOSSOS PENSAMENTOS A VIR E A IR, SABER ONDE SE FOCA A NOSSA ATENÇÃO E MUDAR ESSE FOCO, SE QUISERMOS. ESTE CONTROLO DELIBERADO DO FEIXE DA NOSSA ATENÇÃO É UMA CAPACIDADE MENTAL. (...)”²

1 BOTTON, Alain de: *A Arquitectura da Felicidade*, ed. D. Quixote, Alfragide, p. 110

2 GOLEMAN, Daniel; CHERNISS CARY: *Optimal*, ed. Temas e Debates, Maia, 2024, p. 57